

07/12/2020

<https://www.rimasebatidas.pt/nao-da-para-ficar-parado-vitor-belanciano-assina-livro-sobre-a-musica-afro-portuguesa/>

Relatos de tempos de mudanças.

Não dá para ficar parado: **Vítor Belanciano assina livro sobre a “música afro-portuguesa”**

Texto: [Alexandre Ribeiro](#)

Fotografia: Bruno Castanheira

Na última década, “a descolonização da pista de dança” aconteceu à boleia do fenómeno [Buraka Som Sistema](#), o foco mais intenso de um processo que ganhou novos protagonistas como a editora [Príncipe Discos](#) ou artistas como [Dino D’Santiago](#), [Scúru Fitchádu](#), [Slow J](#), [Nenny](#), [Throes + The Shine](#) ou [Tristany](#). Apesar de se ter debruçado de uma maneira mais sucinta sobre o assunto num texto publicado em Dezembro de 2019 no Ípsilon, *Não dá para ficar parado*, o novo livro de [Vítor Belanciano](#), partiu de outro sítio: “Resulta de um desafio do projecto de investigação [Memoirs](#), que tem vindo a reflectir o pós-colonialismo na Europa, em particular o efeito das segundas e terceiras gerações afrodescendentes nas artes, na cultura e no pensamento. O ano passado fui convidado por um dos investigadores, o António Pinto Ribeiro, para dar um seminário sobre a música feita em Portugal pelas novas gerações afrodescendentes, na sua relação com as dinâmicas socioculturais, e foi a partir daí que a hipótese de escrever um livro sobre o assunto me foi colocada.” Sobre a escolha da editora, acrescenta: “As [Edições Afrontamento](#) têm vindo a editar os livros que têm saído do projecto Memoirs. O contexto é esse. É óptimo que exista interesse por estes temas. Sinto que em Portugal ainda existe muito a fazer nesse campo.”

Como nos diz o jornalista e crítico musical do Público, o trabalho para este livro já andava a ser feito há algum tempo, mesmo que de uma forma inconsciente, e a matéria-prima é recolhida no seu próprio arquivo: “baseia-se em todas as conversas, artigos e reflexões que fiz ao longo dos últimos 15 a 20 anos sobre estes temas. Sem os testemunhos de [General D](#), [Sam The Kid](#), [Aline Frazão](#), [DJ Marfox](#), Buraka, [Kalaf](#), [Branko](#), Dino D’Santiago, [Nástio Mosquito](#), [Octa Push](#), Scúru Fitchadu, [Sara Tavares](#), [Batida](#), [Nigga Fox](#), etc, etc, ele não seria possível.”

Esta “música afro-portuguesa” que gira à volta de “celebração, conflito e esperança” é uma ideia em constante construção: “Há imensos agentes relevantes. Acaba por estar tudo ligado. O impacto dos Buraka Som Sistema foi

central, mas ele só existiu porque antes o hip hop em Portugal se afirmou e depois houve **Cool Hipnoise** ou Spaceboys e tantas outras coisas. Da mesma forma que o percurso internacional de Batida ou da Príncipe Discos beneficiou desse efeito Buraka. A redescoberta do **Bonga**, por exemplo, está também conectada com esta dinâmica, porque existe um recontar da história, um trabalho de memória que importa fazer. E depois, hoje, tens imensos vectores, desde a criouliização do Dino D’Santiago, à atitude combativa de Scúru Fitchádu, ou novas gerações que tanto se inspiram em motivos da cultura global como local, como o Tristany. Enfim, mais do que este ou aquele agente, parece-me que existe um ecossistema cultural fascinante a que é difícil atribuir um nome. Eu chamo-lhe ‘música afro-portuguesa’, mas na verdade todas as denominações são frágeis e incompletas. Ou seja, existe uma nova realidade sociocultural, em Portugal e na Europa, que em grande medida a linguagem ainda não acompanhou.”

O “#Brevemente” que acompanhou o discreto anúncio na página de Facebook pessoal de Belanciano está mais próximo do que se possa imaginar: “O livro estará nas lojas no próximo sábado. Na sexta-feira, a partir das 18 horas, no Lux Frágil, em Lisboa, será a sessão de lançamento. Haverá conversa e música, na qual participarão o investigador António Pinto Ribeiro, os músicos Dino D’Santiago e DJ Marfox, o jornalista e DJ Davide Pinheiro e eu. Estão todos convidados, como é evidente.”

